

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desta tese
será disponibilizado somente a partir
de 29/08/2021.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Renata Patrícia da Silva

POR UM TEATRO *DA* ESCOLA:
táticas e minoridades ao rés do chão

Palmas
2019

Renata Patrícia da Silva

POR UM TEATRO DA ESCOLA:

táticas e minoridades ao rés do chão

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Artes, junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", *campus* São Paulo.

Área de concentração: Artes e Educação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmina Mendes André

Palmas
Instituto de Artes da UNESP
2019

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp

S586p	Silva, Renata Patrícia da, 1987- Por teatro <i>da</i> escola: táticas e minoridades ao rés do chão / Renata Patrícia da Silva. - São Paulo, 2019. 330 f. : il. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carminda Mendes André Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes e Universidade Federal do Tocantins 1. Teatro - Estudo e ensino. 2. Arte e educação. 3. Educação básica. 4. Professores de representação teatral. I. André, Carminda Mendes. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Universidade Federal do Tocantins. IV. Título. CDD 707
-------	---

(Laura Mariane de Andrade - CRB 8/8666)

Renata Patrícia da Silva. *Por um teatro da escola: táticas e
menoridades ao rés do chão*

Tese apresentada como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Doutora em Artes, junto ao
Programa de Pós-Graduação em Artes
do Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho", *campus*
São Paulo.

Área de concentração: Artes e
Educação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmina
Mendes André

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos(as)
professores(as):

Prof^a. Dr^a. Carmina Mendes André
Instituto de Artes/UNESP - Orientadora

Prof. Dr. Arão Nogueira Paranaguá de Santana
Departamento de Teatro/UFMA

Prof. Dr. Ricardo Carvalho de Figueiredo
Departamento de Artes Cênicas/UFGM

Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo
Departamento de Filosofia e História da
Educação/UNICAMP

Prof^a. Dr^a. Marina Marcondes Machado
Departamento de Artes Cênicas/UFGM

Prof. Dr. Agnaldo Valente Gemano
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes
Cênicas da UNESP

Palmas, 09 de agosto de 2019.

Instituto de Artes - Câmpus de São Paulo
Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271 - Barra Funda - São Paulo/SP
Telefone: 11 3393-8530 - Pabx: 11 3393-8530

Às crianças...

de Manguieras, da Grande Árvore e de Palmas.

À Alice, Arthur e Vivi,

por me convocarem a desver o mundo!

GRATIDÃO...

A Deus pela vida, por me dar força, coragem e sabedoria para caminhar por estes percursos e possibilitar encontros tão fundamentais.

Aos meus pais, Maria Antônia e Alfredo, por serem tudo: a expressão do amor, a inspiração de força, o desejo de luta, a certeza do acolhimento, o exemplo do voo e do abraço. São eles, praticantes dos saberes cotidianos, nas artes manuais ou na cozinha, que me lembram dos saberes-fazeres ordinários que me constituem como professora de Teatro ao rés do chão.

À Prof^a. Dr^a. Carmina Mendes André, minha orientadora, a primeira leitora dos meus devaneios. Obrigada pela paciência, generosidade e tantos ensinamentos que acolheram e impulsionaram cada trecho deste percurso narrativo.

Aos(às) professores(as) da banca examinadora pela leitura atenciosa e valiosas contribuições à esta pesquisa. Prof^a Dr^a Marina Marcondes Machado inspiradora nos estudos da infância. Prof. Dr. Sílvio Gallo, admirável referência nos estudos da Filosofia da Educação. Aos mestres da Pedagogia Teatral Prof. Dr. Ricardo Carvalho e Prof. Dr. Arão Paranaguá, pela leitura generosa e o conhecimento compartilhado ao longo dessa caminhada.

À CAPES, à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) e à Universidade Federal do Tocantins, que viabilizaram a realização do Doutorado Interinstitucional em Artes, possibilitando a capacitação de novas doutoras no Estado do Tocantins. Aos(às) professores(as) do PPGA do Instituto de Artes da Unesp, orientadores e coordenadores do DINTER UNESP-UFT pelo apoio na realização deste projeto.

Ao meu avô Harry (*in memoriam*), pelo carinho e o exemplo de humildade até os últimos momentos. Aos meus familiares, pelo incentivo e amor.

Às Polishs e à República Bombocado, minhas irmigas que, mesmo longe se fazem presentes em minha vida.

Aos(às) queridos(as) amigos(as) Danilo França, Ricardo Malveira, Neide das Graças, Adriana Martins, Barbara Tavares, Raquel Castilho, Layane Pavão e Átila Gonçalves pelas palavras de amor e acolhimento ao longo de todo esse tempo.

Ao grupo UMA vez TEATRO, pelo companheirismo e pela força. Vocês me ensinam todos os dias o valor coletivo do fazer teatral. Obrigada por estarem ao meu lado!

À Chirlei Regina, Andreia Ribeiro, Arlene Gonçalves, Elza Alves, Ana Selma, Ritinha, Renato Batista e demais professores(as) e funcionários(as) das escolas, que estiveram ao meu lado nestes percursos pelo Tocantins.

Às Secretarias Municipais de Educação de Augustinópolis, São Salvador do Tocantins e Palmas, pelo apoio e parceria na realização das ações.

Às instituições: Escola Municipal Mangueiras, Escola Municipal da Grande Árvore, Colégio Militar Augusto Boal e ao Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Tocantins, pelo acolhimento.

Ao Wesley, coordenador do Setor de Transportes da Universidade Federal do Tocantins e aos meus companheiros de viagem, Marquinho e João Batista.

Às doutorandas arteiras, por tornar este processo mais leve e divertido.

Aos meus alunos(as) do Curso de Licenciatura em Teatro da UFT presencial e PARFOR pelas aprendizagens.

Às revisoras Larissa e Luciana, pela dedicação na leitura desta narrativa.

À Arlene, Sotírios e Leila, pelos cuidados.

Às crianças de Itaúba, São Salvador e Palmas, pelos encontros fortuitos.

O ANDARILHO

Eu já disse quem sou Ele.
Meu desnome é Andaleço.
Andando devagar eu atraso o final do dia.
Caminho por beiras de rios conchosos.
Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
Carrego latas furadas, pregos, papeis usados.
(Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)
Não tenho pretensões de conquistar a inglória perfeita.
Os loucos me interpretam.
A minha direção é a pessoa do vento.
Meus rumos não tem termômetro.
De tarde arborizo pássaros.
De noite os pássaros me pulam.
Não tenho carne de água.
Eu pertença de andar atoamente.
Não tive estudamento de tomos.
Só conheço as ciências que analfabetam.
Todas as coisas têm ser?
Sou um sujeito remoto.
Aromas de jacintos me infinitam.
E estes ermos me somam.

Manoel de Barros

RESUMO

Esta tese, constituída por narrativas caminhanças de uma professora andarilha discorre a respeito de um teatro da escola, partindo da compreensão da docência como uma ação tática. Para tanto, considera-se que a instituição escolar é um ambiente que se caracteriza pelas formalidades disciplinares e os saberes-fazer de seus praticantes ordinários (CERTEAU, 2013). Diante disso, pondera-se que o teatro transita pelos territórios das formalidades disciplinares e, dentro deles, pode encontrar possibilidades para (re)significar-se nas ações de professores(as) e alunos(as) em suas práticas no/do cotidiano escolar. Para tanto, a pesquisadora colocou-se na condição de viver a experiência da docência em teatro na escola, por meio de um projeto em três instituições de Educação Básica da rede pública do estado do Tocantins. A partir disso, produziu-se uma pesquisa narrativa, entrelaçando autores do cotidiano e referenciais bibliográficos, que atuaram como lentes metafóricas e possibilitaram pensar as instituições de ensino a partir dos conceitos de: Espaço Disciplinar; Espaço Praticado e Espaço Teatral. Nessa discussão, o intuito foi apontar a multiplicidade de práticas que habitam a instituição escolar, demonstrando que ela pode abrigar diferentes espaços em um mesmo lugar. Desta forma, na intenção de investigar a docência como ação tática, essa pesquisa defende que um teatro da escola é uma ação pertencente às menoridades do cotidiano. Por isso, essa tese não busca atuar como uma prescrição ao fazer teatral nesses espaços, uma vez que ao discorrer sobre um teatro da escola, a pesquisadora, ao narrar suas experiências de encontro com o outro, deseja apontar o quanto esse fazer conjunto é fundamental na construção de um teatro da escola e na ação docente como tática. Por isso, um teatro da escola, entrelaça uma atitude tática que não está em programas formativos, não está prescrita na formação acadêmica ou mesmo nos livros de autores consagrados, mas pode constituir a experiência dos(as) futuros(as) professores(as) no/do cotidiano escolar e provocar (des)construções nos cursos de formação de professores(as), lançando pistas para uma prática ao rés do chão.

Palavras-chave: Pedagogia do Teatro; ação tática escolar; Educação Menor; Escola como espaço cênico; formação de professores.

ABSTRACT

This thesis, consisting of walking narratives of a wandering teacher, discusses a theater of the school, starting from the understanding of teaching as a tactical action. Therefore, it is considered that the school institution is a place that is characterized by the disciplinary formalities and the know-how of its ordinary practitioners (CERTEAU, 2013). Given this, it is considered that the theater transits the territories of disciplinary formalities and, within them, can find possibilities to (re)signify in the actions of teachers and students in their practices in/of the school daily. To this end, the researcher placed herself in the condition of living the experience of teaching theater in the school, through a project in three institutions of Basic Education in the state of Tocantins' public school system. From this, a narrative research was produced, interweaving everyday authors and bibliographical references, which acted as metaphorical lenses and made it possible to think about the educational institutions from the concepts of: Disciplinary Space; Practiced Space and Theatrical Space. In this discussion, the aim was to point out the multiplicity of practices that inhabit the school institution, demonstrating that it can shelter different spaces in the same place. Thus, in an attempt to investigate teaching as a tactical action, this research argues that a theater of the school is an action belonging to the minorities of daily life. Therefore, this thesis does not seek to act as a prescription for theatrical performance in these spaces, since when discussing a theater of the school, the researcher, when narrating her experiences of meeting with the other, wishes to point out how much this make together is fundamental in obtaining a theater of the school and teaching action as a tactic. Therefore, a theater of the school, intertwined with a tactical attitude that is not in training programs, is not prescribed in academic education or even in the books of established authors, but may constitute the experience of future teachers in/of the daily school life and it causes (dis)constructions in the teacher training courses, throwing clues for a practice on the ground floor.

Keywords: Theater Pedagogy; school tactical action; Minor Education; School as a scenic space; teacher training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1-	Os Saltimbancos.....	18
Imagem 2 -	Escola Municipal Mangueiras.....	43
Imagem 3 -	Meninos no muro.....	44
Imagem 4 -	Uma mão... lava a outra.....	47
Imagem 5 -	Quer um pedaço?.....	48
Imagem 6 -	Jogo de Bola.....	49
Imagem 7 -	Escaladas.....	50
Imagem 8 -	Escaladas nº 2.....	51
Imagem 9 -	As letras de Jhon.....	53
Imagem 10 -	Caminho da Escola.....	58
Imagem 11 -	São só caixas e tecidos.....	60
Imagem 12 -	Vrum... lá vai o carrinho!.....	62
Imagem 13 -	Voar, voar.....	63
Imagem 14 -	Solidão Poética.....	64
Imagem 15 -	O menino e a casa.....	69
Imagem 16 -	Colheita.....	70
Imagem 17 -	Esquema utilizado pelos garotos da escola para.....	72
Imagem 18 -	Os garotos e a cabana.....	73
Imagem 19 -	Chão rabiscado.....	74
Imagem 20 -	Elas e o barro.....	75
Imagem 21 -	A panelinha e ela.....	76
Imagem 22 -	A panelinha e ele.....	76
Imagem 23 -	O banho.....	77
Imagem 24 -	Caminho em cores.....	78
Imagem 25 -	Brincando de casinha.....	81
Imagem 26 -	Café da tarde.....	82
Imagem 27 -	A reunião.....	83
Imagem 28 -	Bi, bi... lá vai o carrinho!.....	84
Imagem 29 -	A horta.....	88
Imagem 30 -	Pela estrada a fora.....	91
Imagem 31 -	Huumm! Acerola.....	93
Imagem 32 -	No meio do mato.....	94
Imagem 33 -	Pule a cerca.....	96
Imagem 34 -	Os seus olhares.....	96
Imagem 35 -	Juntos, comer!.....	98
Imagem 36 -	A menina que fazia bolos.....	99
Imagem 37 -	Mesa de aniversário.....	100
Imagem 38 -	A festa.....	102
Imagem 39 -	Cachorrinhos.....	104
Imagem 40 -	Tigres e tigresas.....	105
Imagem 41 -	Jhon e as mangas.....	106
Imagem 42 -	Mato adentro.....	107
Imagem 43 -	"Alara (Arara)".....	107
Imagem 44 -	"Façam pose!".....	107
Imagem 45 -	A mangueira do postinho.....	107
Imagem 46 -	Quando o relógio bate as 12.....	108

Imagem 47 - Bora gente.....	109
Imagem 48 - Sabores da Itaúba.....	110
Imagem 49 - Meninos e mangas.....	111
Imagem 50 - Meninas entre folhas secas.....	111
Imagem 51 - "Comis e bebis".....	111
Imagem 52 - Comer é celebrar junto.....	111
Imagem 53 - Elástico.....	112
Imagem 54 - Trenzinho.....	113
Imagem 55 - Eh Boi.....	114
Imagem 56 - Balançar-se.....	114
Imagem 57 - A camponesa.....	115
Imagem 58 - Bicicletário.....	124
Imagem 59 - Horta.....	124
Imagem 60 - Portão que bloqueia o acesso ao pátio traseiro.....	124
Imagem 61 - Barracão.....	124
Imagem 62 - Quadra de areia.....	125
Imagem 63 - Pátio traseiro ou "Terreiro dos Mosquitos".....	125
Imagem 64 - Depois de comer.....	126
Imagem 65 - Hora da merenda: comer juntos.....	127
Imagem 66 - Recreio no Barracão.....	128
Imagem 67 - Desvios cotidianos: "cata piolho".....	131
Imagem 68 - Seu Joaquim passeando pelo recreio.....	139
Imagem 69 - A menina e o boneco.....	140
Imagem 70 - Improvisação com Seu Joaquim.....	143
Imagem 71 - Improvisação com Seu Joaquim 2.....	144
Imagem 72 - "Roda Viva".....	147
Imagem 73 - Caminhem!.....	148
Imagem 74 - Hipnotismo na quadra de areia.....	149
Imagem 75 - Conduzir... Hipnotizar!.....	150
Imagem 76 - Hipnotismos no Terreiro dos Mosquitos.....	152
Imagem 77 - A grande árvore: o início.....	154
Imagem 78 - Brincando com a boneca.....	155
Imagem 79 - Mais cores para a boneca.....	156
Imagem 80 - Caminhar e ocupar.....	158
Imagem 81 - Roda nossa de cada dia.....	158
Imagem 82 - João Bobo ou João Teimoso.....	159
Imagem 83 - Se joga!.....	160
Imagem 84 - Seguraa... ..	161
Imagem 85 - Exploração Terreiro dos Mosquitos 1.....	168
Imagem 86 - Exploração Terreiro dos Mosquitos 2.....	169
Imagem 87 - Ocupação: Passagem secreta dos meninos.....	170
Imagem 88 - Debaixo da Árvore: ocupação fotográfica.....	173
Imagem 89 - Horta: Ocupação Fotográfica.....	174
Imagem 90 - Reflexão companheira.....	176
Imagem 91 - Rabiscos e palavras.....	176
Imagem 92 - "Que história?".....	176
Imagem 93 - Era uma vez.....	176
Imagem 94 - Debaixo da Árvore.....	180
Imagem 95 - Horta.....	181
Imagem 96 - Formação.....	195
Imagem 97 - Sentido.....	198
Imagem 98 - Cobrir.....	199

Imagem 99 - Descansar.....	200
Imagem 100 - Planta baixa do auditório do Colégio Militar com as estações 01.....	210
Imagem 101 - Estações e ocupações.....	211
Imagem 102 - Ei! Mãos para o alto!.....	212
Imagem 103 - Planta baixa do auditório do Colégio Militar com as estações 02.....	215
Imagem 104 - Dançar.....	216
Imagem 105 - POF.. POF.. Ai, ai!!.....	218
Imagem 106 - Sensações compartilhadas.....	221
Imagem 107 - Quente ou fria?.....	222
Imagem 108 - Sem legenda.....	227
Imagem 109 - Calma gente, eu tô tremendo!.....	228
Imagem 110 - Desmontou foi tudo!.....	229
Imagem 111 - Turma, sentido!.....	233
Imagem 112 - Escola! Descansar!.....	233
Imagem 113 - DES - MON - BRINCAR.....	234
Imagem 114 - Sentidos.....	239
Imagem 115 - Cuidado.....	239
Imagem 116 - Descanse!.....	240
Imagem 117 - Subidas no muro em Mangueiras.....	263
Imagem 118 - Momento da formação no colégio militar.....	267
Imagem 119 - A sala dos militares.....	277
Imagem 120 - À sombra de Mangueiras.....	302
Imagem 121 - Encontros.....	305
Imagem 122 - Um momento na casinha.....	306
Imagem 123 - Encontros comestíveis II: comer, brincar e habitar a escola.....	315
Imagem 124 - Caminhadas Intervencionistas: dizer com o corpo.....	319

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Horário de Aula 4º ano A.....	129
Quadro 2 - Orientações para o jogo de improvisação com o boneco..	142
Quadro 3 - Orientações para o jogo de improvisação com marionetes humanas.....	162
Quadro 4 - Tabela com cartografia afetiva dos lugares feios e bonitos da Escola Municipal da Grande Árvore.....	165
Quadro 5 - Orientações para a o jogo de ocupação dos lugares feios	167
Quadro 6 - Orientações para o jogo de ocupação dos lugares bonitos 1	172
Quadro 7 - Orientações para o jogo de ocupação dos lugares bonitos 2	173
Quadro 8 - Explicação do comando "sentido".....	198
Quadro 9 - Explicação do comando "cobrir".....	199
Quadro 10 - Explicação do comando "descansar".....	199
Quadro 11 - Ações distribuídas em lugares da escola onde se realizariam as "caminhas das intervencionistas: sentir tudo o que não se vê".....	220
Quadro 12 - Ações distribuídas em lugares da escola onde se realizariam as "caminhadas intervencionistas: dizer com o corpo".	226
Quadro 13 - Lugares da escola e respectivas ações onde se realizariam as "caminhadas intervencionistas: des(em)forma".....	231

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNE - Conselho Nacional de Educação
DINTER - Doutorado Interinstitucional
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC - Ministério da Educação
PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP - Projeto Político Pedagógico
SEDUC - Secretaria Estadual de Educação
SEMED - Secretaria Municipal de Educação
UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto
UFT - Universidade Estadual do Tocantins
UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho

O PERCURSO

CAMINHAR.....	18
PARTE I: CAMINHAR.....	36
1 TRAJETO I: CAMINHADAS PARA O NORTE.....	37
1.1 Chegar a Augustinópolis.....	38
1.2 Imagens da escola.....	41
1.2.1 <i>O recreio ou o "toque do chocalho".....</i>	<i>46</i>
1.2.2 <i>Entre letras e pingos d'água.....</i>	<i>51</i>
1.2.3 <i>As cobras comeram os números.....</i>	<i>54</i>
1.3 Habitações Lúdicas.....	57
1.3.1 <i>Habitações Lúdicas - Primeiro Ato.....</i>	<i>58</i>
1.3.2 <i>Habitações Lúdicas - segundo ato.....</i>	<i>67</i>
1.3.3 <i>Habitações Lúdicas - terceiro ato.....</i>	<i>80</i>
1.4 Encontros.....	87
1.4.1 <i>Encontros comestíveis I: colheita.....</i>	<i>90</i>
1.4.2 <i>Encontros visuais: "O seu olhar melhora o meu".....</i>	<i>102</i>
1.4.3 <i>Encontros comestíveis II: comer, Brincar, habitar a escola...109</i>	
1.5 A escola como espaço teatral: o teatro da Escola Municipal Mangueiras.....	115
2 TRAJETO II: CAMINHADAS PARA O SUL.....	119
2.1 Chegar a São Salvador do Tocantins.....	120
2.2 Imagens da Escola.....	123
2.2.1 <i>O Recreio.....</i>	<i>126</i>
2.2.2 <i>Para onde caminham os olhares.....</i>	<i>128</i>
2.2.3 <i>O que é teatro?.....</i>	<i>133</i>
2.3 Percursos teatrais: jogos de improvisação.....	136
2.3.1 <i>Percursos teatrais: jogos de improvisação I.....</i>	<i>138</i>
2.3.2 <i>Percursos teatrais: jogos de improvisação II.....</i>	<i>146</i>
2.3.3 <i>Percursos teatrais: jogos de improvisação III.....</i>	<i>157</i>
2.4 Cartografias cênicas.....	164
2.4.1 <i>Cartografias cênicas: primeiro ato.....</i>	<i>165</i>
2.4.2 <i>Cartografias cênicas: segundo ato.....</i>	<i>171</i>
2.4.3 <i>Cartografias cênicas: terceiro ato.....</i>	<i>175</i>

2.4.4	<i>Cartografias cênicas: quarto ato</i>	177
2.4.5	<i>Cartografias cênicas: quinto ato</i>	178
2.5	A escola como espaço teatral: o teatro da Escola Municipal da Grande Árvore	184
3	TRAJETO III: CAMINHADAS PARA O CENTRO	187
3.1	Muitos passos até chegar...	188
3.2	Imagens da Escola	192
3.2.1	<i>A chegada</i>	193
3.2.2	<i>Hora do Lanche</i>	197
3.3	Caminhadas Intervencionistas	203
3.3.1	<i>Caminhadas Intervencionistas: entre quatro paredes</i>	207
3.3.2	<i>Caminhadas Intervencionistas: abrindo a primeira porta</i>	214
3.3.3	<i>Caminhadas Intervencionistas: sentir tudo o que não se vê</i>	219
3.3.4	<i>Caminhadas Intervencionistas: dizer com o corpo</i>	224
3.3.5	<i>Caminhadas Intervencionistas: des (em) forma</i>	231
3.3.6	<i>Intervenção: Ordem Unida</i>	237
3.4	A escola como espaço teatral: o teatro do Colégio Militar Augusto Boal	241
	PARTE II: PARAR... ..	244
4	PARAR...	245
4.1	Parada I: a Escola como Espaço Disciplinar	249
4.1.1	<i>Relatos de espaço, tempo e vigilância</i>	256
4.1.2	<i>Muros, grades e cercas</i>	260
4.1.3	<i>Cada coisa no seu lugar</i>	269
4.1.4	<i>Deixa eu ver?</i>	280
5	PARADA II: A ESCOLA COMO ESPAÇO PRATICADO	288
5.1	Táticas e minoridades	293
5.1.1	<i>Ao rés do chão de Mangueiras</i>	299
6	Parada III: a Escola como Espaço Teatral	310
7	POR UM TEATRO DA ESCOLA: TÁTICAS E MENORIDADES	321
	REFERÊNCIAS.....	325

CAMINHAR...

Imagem 1- Os Saltimbancos



Foto: Pedrinho (Tigrão). Acervo pessoal da pesquisadora.

Essa história começa ao rés do chão, com passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode conta-lo, por que cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão táctil de apropriação cinésica. Sua agitação é um numerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares.

Michel de Certeau (2013, p.163)

Essa história começa ao rés do chão de uma escola na cidade de Dolores de Campos, interior de Minas Gerais, onde descobri o teatro. Essa imagem é uma lembrança da peça "Saltimbancos", de Chico Buarque¹, na qual representei a

¹ Inspirada em "Os músicos de Bremen", dos Irmãos Grimm, e voltada ao público infantil, a obra do músico e escritor Chico Buarque, em parceria com Sergio Bardotti (letras) e Luis Enriquez Bacalov (músicas), valoriza o respeito e a solidariedade. Nessa aventura de quatro bichos (Jumento, Galinha, Cachorro e Gata) que, sentindo-se ameaçados e explorados por seus donos, resolvem fugir para a cidade em busca do sonho de formar um conjunto musical, escapando da opressão,

personagem Galinha. Essa foi minha primeira experiência teatral dentro da escola. Estudei em uma instituição pública de ensino, e o teatro atuava como ilustração de datas comemorativas, uma vez que nossas aulas de arte não nos possibilitavam experiências além da História das Artes Visuais ou atividades espontâneas e pintura de desenhos mimeografados. Além disso, tais aulas eram ministradas apenas uma vez por semana. Ainda assim, foi na escola que tive minha primeira experiência teatral e ouvi essa palavra. Da mesma forma que foi nesse lugar que vi um cartaz sobre vestibular em Artes Cênicas.

Então, depois de concluir o Ensino Médio, entrei no Conservatório de Música de São João Del Rei (MG), que oferecia o teatro como atividade opcional. No meu caso, a Música era opcional e o Teatro atividade principal. Duas vezes por semana, eu viajava para São João Del Rei, onde cursava Música e Teatro. Entusiasmada com as aulas do Conservatório, reuni um grupo de crianças em Dolores de Campos e comecei a dar aulas de Teatro, depois que saía da loja onde trabalhava como balconista.

Depois dessa experiência, ingressei na Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade Federal de Ouro Preto, no ano de 2006. Lembro-me do primeiro dia que entrei na sala de aula. Todos os meus colegas já tinham feito peças de teatro, conheciam grupos e sabiam falar de muitas coisas. Eu? Nunca tinha visto espetáculo inteiro. Imagina feito! Durante as aulas, eu parecia sem lugar diante de tanta gente sabida dentro daquela Universidade. A primeira peça a que assisti foi "Um homem é um homem", encenada pelo Grupo Galpão², no Festival de Inverno de Ouro Preto, quando tinha 18 anos.

evidencia-se, também, uma alegoria política. Fonte: <<https://grupoautentica.com.br/autentica-infantil-e-juvenil/livros/os-saltimbancos/1402>>. Acesso em: 06/06/2018.

² "Um Homem é um Homem" é uma peça do dramaturgo alemão Bertold Brecht, escrita entre os anos de 1926 e 1956. A peça foi montada e encenada pelo Grupo Galpão entre os anos de 2005 e 2007, com direção de Paulo José. "Na montagem feita pelo grupo mineiro, ocorre a transformação do estivador Galy Gay numa máquina de

Quando começaram as disciplinas voltadas para a Pedagogia do Teatro e os Estágios, encontrei espaços no território acadêmico, entendi que o teatro abrigava teatros. Participei de um Projeto de Extensão coordenado pelos(as) professores(as) Neide das Graças e Davi Dolpi que despertou meu interesse pela pesquisa e prática com o teatro em comunidades ao longo da minha formação em Artes Cênicas. Segui com esse interesse de pesquisa até o Mestrado, cursado na Universidade Federal de Minas Gerais, entre 2010 e 2012, onde pesquisei o trabalho realizado pelo Grupo Belo-horizontino ZAP 18, na comunidade do Bairro Serrano, na periferia de Belo Horizonte. Naquele local, desenvolvi minha pesquisa de Mestrado, intitulada "Teatro em Comunidades: o encontro entre os artistas da Cia ZAP 18 e a comunidade do bairro Serrano e entorno", com a orientação do professor Doutor Maurílio Andrade Rocha.

Durante todo o Mestrado, atuei como professora de Teatro na rede particular de Contagem e Belo Horizonte, dando aula em três escolas para crianças de 02 a 15 anos, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II. Nesse período, tive a oportunidade de compartilhar experiências muito importantes para a minha formação docente. Quando cheguei à escola, descobri que eu não sabia de muitas coisas. Talvez por isso ressalte o quanto as crianças são importantes em minha (des)construção na sala de aula. No cotidiano escolar, fui percebendo que tonar-se praticante daquele espaço é o que nos faz compreender como o teatro acontece em cada instituição.

guerra, misturando elementos de cabaré, circo, teatro de rua, música e teatro épico. Um alerta sobre o poder da manipulação e os perigos que corre aquele que não sabe dizer "não". É o caso de Galy Gay, que sai para comprar um peixe, acaba ficando com um pepino e por fim é submetido a um falso fuzilamento. Redivivo, toma uma nova identidade, a do soldado Jeraiah Jip, que fora ferido e preso num assalto a um templo religioso. Tudo isso, tendo como pano de fundo a guerra de ocupação de um exército ocidental, num longínquo país do oriente que, na adaptação de Paulo José, ganha contornos mais nítidos de ligação com a contemporânea guerra do Iraque." Informações coletadas no site da Companhia. Disponível em: <<http://www.grupogalpao.com.br/um-homem-e-um-homem/>>. Acesso em 19/06/2019.

Em 2013, deixei as escolas, as crianças, Minas Gerais e me mudei para Palmas (TO), em decorrência da aprovação no concurso para professora no Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins. Desde que ingressei no curso, sou responsável pelas disciplinas de Estágio Supervisionado Obrigatório I e III³. Como professora de Estágio, tive a oportunidade de me aproximar da realidade da Escola Pública em Palmas e no Estado do Tocantins, uma vez que faço supervisões *in loco* das práticas dos(as) estagiários(as). Entre 2013 e 2017, atuei no PARFOR⁴ como professora de Estágios Obrigatórios I, II⁵ e III e visitei vinte cidades do Estado do Tocantins na supervisão de aulas de Teatro.

Portanto, esta breve narrativa, entrelaçando minha trajetória de vida e profissional, deseja apontar os caminhos que me trazem até essa pesquisa. Tenho observado que minha escolha profissional bem como meus propósitos de pesquisa estão muito atrelados à minha trajetória pessoal. Tornei-me professora de Teatro, pelos caminhos que escolhi trilhar, pelos encontros que a Universidade me possibilitou e pelos acontecimentos que foram atravessando minha formação. Sou professora e pesquisadora do campo da Pedagogia do Teatro, pois compreendo que o teatro na educação tem encontrado

³ O Estágio Obrigatório I é realizado no Ensino Fundamental e consiste no período de observação participante do cotidiano da escola, em que o licenciando acompanha aulas ministradas por professores de Teatro em Escolas de Tempo Integral da rede municipal de Palmas, onde o teatro compõe a estrutura curricular. O Estágio Obrigatório III é realizado no Ensino Médio e entrelaça observação e prática pedagógica nas aulas de Arte, ministradas nas escolas da rede estadual de Palmas.

⁴ O Programa Nacional de Formação de Professores(as) da Educação Básica (PARFOR), em vigor desde 2009, é uma ação da CAPES que visa induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, oferecendo cursos de licenciatura e de segunda licenciatura, na modalidade presencial para educadores das redes públicas que não possuem formação superior na área em que atuam, conforme exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96). Fonte: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35038>>. Acesso em 19/06/2019.

⁵ O Estágio Obrigatório II é a continuidade do Estágio I e consiste na prática pedagógica no Ensino Fundamental, supervisionada pelo professor responsável pela disciplina de Teatro na Escola e orientada pela Professora de Estágios na Universidade. No PARFOR, os estágios I, II e III seguem a mesma organização da Licenciatura Presencial. Estágio I e II (Ensino Fundamental) e Estágio III (Ensino Médio). Contudo, algumas instituições do interior do estado não possuem a modalidade de Tempo Integral, não oferecem a disciplina de Teatro e nem dispõem de profissionais formados na área de Arte. Nesse caso, adaptávamos à realidade de cada professor(a), a fim de garantir que sua prática fosse realizada em suas escolas e em outras de suas cidades.

possíveis para que a escola possibilite um encontro entre o sujeito e a arte.

A proposta de uma pesquisa

Enquanto professora de Estágios Supervisionados Obrigatórios no curso de Licenciatura em Teatro, observo que esse momento da formação, em que o estudante inicia o trânsito entre a prática no ensino básico e as reflexões na Universidade, provoca inquietações e fortes críticas à rotina escolar, às metodologias adotadas pelos(as) professores(as), à estrutura formal das instituições de Educação Básica e, principalmente, à arquitetura e organização do espaço físico da escola. Diante disso, considero que esse período da formação aponta o quanto a chegada à escola é desafiante aos(às) futuros(as) professores(as) de Teatro, bem como a experiência do fazer(se) docente na realidade das instituições públicas evidencia um certo descompasso entre a escola que se debate dentro da universidade e aquela que os(as) alunos(as) encontram nos estágios.

Por um lado, deve-se levar em conta que, ao chegar em boa parte dessas instituições, logo na entrada, fica nítida a separação do exterior e do interior dessas instituições, que ocorre por meio dos muros altos, grades, portões e cadeados, isto é, esconde-se o mundo da escola. Tal isolamento do mundo da rua, que não é apenas físico, expressa claramente qual a concepção educativa dessas instituições na formação dos(as) estudantes (DAYRELL, 2005). A arquitetura da instituição escolar, a organização e seu espaço físico contribuem para a docilização dos corpos, uma vez que possibilita organizá-los (FOUCAULT 2013), (de)limitando uma economia de tempo e exercendo vigilância sobre eles, proporcionando poucos espaços de convivência. Uma estrutura física que contribui para a locomoção rápida (corredores e/ou escadas que levam às salas

de aula), pobreza estética e, principalmente, separação do que acontece fora dali, etc.

Nas obras de Foucault, pode-se perceber que a temática da arquitetura possui estreita ligação com as questões de poder, uma vez que o autor a distingue em arquitetura do espetáculo e arquitetura da vigilância. Essa relação entre arquitetura e poder se evidencia na forma como o espaço se organiza, a fim de ofertar uma distribuição que possibilite ao movimento do olhar uma total visibilidade, ou seja, o poder da vigilância (CASTRO, 2016).

Ao aproximar essas relações de arquitetura e poder do contexto escolar, Foucault aponta a escola como instituição disciplinar. Em *Vigiar e Punir* (2013a), encontra-se uma excelente referência para compreendermos isso. O estudo feito pelo autor, principalmente, acerca das disciplinas, possibilita observar essa instituição como dedicada à fabricação de corpos dóceis e submissos.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. [...] O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis". (FOUCAULT, 2013a, p.133)

Diante disso, compreendo o que Foucault vai dizer acerca da configuração de um lugar disciplinar, em que cada coisa ocupa sua posição, pretendendo-se uma organização e consequentemente o controle e a vigilância desses corpos no lugar que se encontram. Para o autor, a escola é um lugar onde reina a disciplina, uma instituição de adestramento físico, em que crianças e jovens são submetidos a técnicas de dominação e produção de acordo com normas determinadas, sob um sistema de vigilância (CASTRO, 2016).

Seguindo com Foucault, é necessário compreender que essa disciplina e o exercício desse poder operam de forma

minuciosa nas instituições em que atuam, uma vez que “a disciplina é uma anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 2013a, p.133). Nesse sentido, o controle exercido pelas instituições disciplinares, como a escola, manifesta-se de diversas formas e por meio de dispositivos distintos, muitas vezes, imperceptíveis.

Observo que o espaço físico tem sido um dos principais problemas enfrentados pelos(as) professores(as) de Teatro na escola. A “falta de espaço” para o fazer teatral configura-se como uma das primeiras dificuldades enumeradas pelos profissionais, bem como a grande responsável pela baixa qualidade das aulas de estagiários(as) e professores(as) nas instituições de ensino públicas de Palmas⁶.

Por outro lado, ao longo das visitas à escola⁷ vejo que, cada vez menos, os(as) professores(as) de Teatro ultrapassam a sala de aula, talvez por isso alegam que não encontram possibilidades para exercerem sua prática. Tanto as aulas de Teatro como as apresentações artísticas, muitas vezes, permanecem restritas às salas de aula ou aos palcos improvisados, inadequadamente ornamentados, que insistem em manter a tradicional distância entre atores e plateia.

Diante disso, recorro aos escritos de Michel de Certeau, antes de prosseguir com a escrita:

Uma sociedade seria composta de certas práticas exorbitadas, organizadoras de suas instituições normativas, e de outras práticas, sem-número, que ficaram como ‘menores’, sempre no entanto presentes, embora não organizadoras de um discurso e conservando as primícias ou os restos de hipóteses (institucionais, científicas), diferentes para esta sociedade ou para outras. (CERTEAU, 2013, p. 108)

A disciplina dentro da escola, bem como suas práticas formalizadas, convive com as ações dos sujeitos cotidianos, que não são passivos diante de tais normalizações e criam seus

⁶ Considerações feitas a partir de relatos dos(as) estagiários(as) e professores(as) que atuam na rede pública municipal e estadual na cidade de Palmas para os Estágios Obrigatórios I e III, do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins.

⁷ Visitas para supervisão de estágio *in loco*.

modos de (re)existir ao que não lhes convém, produzindo diferenças dentro desse ambiente. A convivência com o cotidiano escolar, em especial nesta pesquisa doutoral, possibilita compreender que a escola não se limita ao conceito de um lugar disciplinar. As experiências de seus(suas) frequentadores(as), alunos(as), professores(as) e funcionários(as) - praticantes ordinários do dia a dia dessas instituições - abrem brechas e criam movimentos, inventando, muitas vezes, outros espaços no lugar instituído.

Isso posto, observo que o teatro nesses lugares ainda carece de práticas que o legitimem, enquanto uma ação *na* escola e *da* escola. A respeito do teatro *na* escola, o observo a partir de uma perspectiva estratégica, com o intento de fundar um lugar dentro da instituição escolar, que pode ser garantido pelo reconhecimento da arte como área de conhecimento e sua obrigatoriedade como componente curricular⁸.

O ensino das artes na Educação Básica brasileira foi implantado obrigatoriamente pela LDB 5692/71, sob o nome de Educação Artística, apoiado numa abordagem tecnicista, que prevalecia em boa parte das escolas. Na Educação Artística, vigorava a polivalência das artes, o que refletia certa improvisação na preparação de professores(as), os quais não possuíam conhecimento das linguagens artísticas, e não contribuiu para uma educação de qualidade. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB 9394/96) e legislações decorrentes, a arte se insere no currículo da Educação Básica como área de conhecimento obrigatório nas

⁸ De acordo com a LDB 9394/96 e alterações posteriores:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo. (Redação dada pela Lei nº 13.278, de 2016). Fonte: Site do Senado Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em 08/03/2019.

escolas, devendo ser ensinada em suas quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro (SANTANA, 2000; 2004)⁹.

Quando se observa a presença do Teatro na escola, avalia-se que isso é resultado da luta de arte-educadores ao longo de anos que, ainda hoje, precisa ser legitimada pelos professores(as) que estão atuando na Educação Básica, no intento de que essa linguagem artística se faça presente. Diante disso, aponta-se a necessidade de demarcar um território dentro dessas instituições, fundar um lugar onde o Teatro se afirme em sua especificidade. Ainda assim, os limites se colocam, a partir de sua obrigatoriedade legislativa, a arte insere-se no campo da regulamentação de conteúdos, avaliações e recomendações determinados por parâmetros, referenciais curriculares e livros didáticos, passando a fazer parte das práticas formalizadas das instituições de ensino básico.

Dessa forma, a prescrição obrigatória não é garantia para que a arte funde seu lugar, enquanto área do conhecimento dentro da escola. Isso se evidencia pelas precárias condições oferecidas aos(as) professores(as), no que se refere à disponibilidade de materiais ou ambientes em que possam desenvolver suas aulas, carga horária insuficiente, limitando a possibilidade de um fazer mais pautado na experiência, além da atribuição da disciplina a professores(as) que não possuem formação específica, como complementação de carga horária, etc. Essa realidade se apresenta nos relatos de estágios na rede estadual de Palmas e pode ser observada também no interior do Estado do Tocantins, onde há escassez de professores(as) capacitados para ministrar aulas de Teatro. Em Palmas, observamos um contexto um pouco distinto, na rede municipal:

⁹ Para um conhecimento aprofundado acerca da História da Arte-Educação no Brasil, cf. BARBOSA (2012). Acerca do ensino do Teatro no Brasil, cf. SANTANA (2000; 2004).

No município de Palmas são 16 escolas que oferecem a linguagem teatral. Buscou-se compreender os desafios do ensino de teatro na rede pública em relação à falta de professores para suprir a demanda existente, à falta de espaço físico, muitas vezes, para as aulas práticas e à atratividade da carreira docente, tendo em vista os baixos salários e o aumento da violência. O mapeamento do ensino de teatro e do perfil docente delineou um panorama da realidade atual encontrada nas escolas da rede municipal, referente ao ensino de teatro, pois ficou notório que a maioria dos professores que atuam como docentes na área de teatro possuem licenciatura em Teatro, quase todos egressos do Curso de Artes-Teatro da Universidade Federal do Tocantins. Salienta-se que também é comum encontrar professores formados no Curso de Pedagogia e no Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins - UFT. (MARTINS, SOUZA & BODNAR, 2017, 2385-2386)

Portanto, penso que a escola enquanto espaço teatral precisa de ações que fomentem o lugar do teatro neste território, contribuindo para que o teatro na escola possibilite ações de um teatro da escola. Por isso, não considero que o teatro da escola seja uma oposição ao teatro na escola, mas uma prática que o constitui. Diante disso, penso que a ação docente, desde o período de formação do professor, precisa ser compreendida como experiência no/do cotidiano dessas instituições. Por isso, compartilho da reflexão de Jorge Larrosa, a respeito do entendimento da educação a partir do par "experiência/sentido".

Segundo o autor: "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca." (LARROSA, 2017, p. 18). Sendo assim, considero que, para compreender o espaço da escola, a ação docente precisa permitir-se aos atravessamentos da realidade na qual se insere, a fim de construir ações entrelaçadas com as práticas e os sujeitos que atuam nesse espaço.

Assim, motivada pela experiência de um fazer teatral compartilhado no contexto das instituições públicas de ensino, propus um projeto de pesquisa no qual eu pudesse ultrapassar a Universidade e inserir-me na prática pedagógica escolar, buscando, nos encontros com seus praticantes, um teatro que se

move nas (im)possibilidades e (im)previsibilidades desse cotidiano, a fim de lançar-me à experiência de uma prática ordinária no/do cotidiano desses espaços. Só então, eu poderia traçar, junto aos(às) futuros(as) professores(as) de Teatro, possibilidades para compreender o fazer teatral que acontece na realidade dessas instituições. Retomando Larrosa:

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (LARROSA, 2017, p.32)

Isso posto, coloquei-me na condição de viver a experiência da docência em Teatro na escola, por meio de um projeto em três instituições de Educação Básica da rede pública no estado, onde atuam egressas do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins. Nessa proposta, tive como intento investigar a docência como uma ação tática, a fim de possibilitar condições para a criação de um teatro da escola. Essa proposição está atrelada à compreensão de que as ações com o teatro devem fomentar a condição da escola como lugar praticado (CERTEAU, 2013), com a finalidade de pensá-la como espaço teatral.

Na Região do Bico do Papagaio, Norte do Tocantins, realizamos o projeto na Escola Municipal Mangueiras¹⁰, localizada na Zona Rural, no Povoado de Itaúba, município de Augustinópolis. Mangueira oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, com turmas multisseriadas. O trabalho nesse local aconteceu em parceria com a professora

¹⁰ Nome fictício para preservar a identidade da instituição. A escolha do nome "Mangueiras" se deu pela abundância de mangueiras na comunidade e também no terreiro da escola.

Darleni¹¹, que é egressa do Curso de Licenciatura em Teatro da UFT (PARFOR) e viabilizou a realização do projeto na escola. Nossas ações foram realizadas com a turma da Educação Infantil, crianças de 04 e 05 anos, pela qual a professora estava responsável no período de realização da pesquisa.

Em São Salvador do Tocantins, região Sul do Estado, desenvolvemos o projeto na Escola Municipal da Grande Árvore¹², que atende crianças da 1ª fase do Ensino Fundamental (1ª ao 5º ano). O trabalho nessa instituição foi viabilizado pela professora Dalila¹³, que é egressa do curso de Licenciatura em Teatro (PARFOR), que, em parceria com a professora Carmem Lúcia, disponibilizou a turma do 4º ano A, para as ações da pesquisa.

Em Palmas, o projeto aconteceu no Colégio Militar Augusto Boal¹⁴ e foi viabilizado por Luciana, professora da instituição e aluna do 8º período do Curso de Licenciatura em Teatro (PARFOR), na UFT. Nosso trabalho contou também com a parceria do professor Henrique, que, gentilmente, liberou sua turma do quinto ano (52.01) para a realização do projeto. O Colégio Militar Augusto Boal é uma Escola Municipal de Tempo Integral resultante da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Palmas, de uma Corporação Militar e da Fundação Municipal de Esportes, por meio de convênio.

As instituições escolhidas guardam peculiaridades e situam-se em contextos socioculturais que implicaram uma ação bem distinta para cada uma delas, como será possível observar em minhas narrativas. Além disso, chamo a atenção para as

¹¹ Nome fictício. Em toda a pesquisa, serão usados nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes.

¹² Nome fictício para preservar a identidade da instituição. A escolha do nome se deu pela presença de uma grande árvore no pátio da escola, onde as crianças gostavam bastante de se aconchegar e brincar.

¹³ A professora Dalila não estava atuando em sala de aula no ano de 2017, realizava atendimentos a alunos(as) com necessidades educacionais especiais na sala de recursos da escola. Contudo, sua parceria e disponibilidade nas aulas de Teatro foi fundamental para a realização desta pesquisa.

¹⁴ Nome fictício para preservar a identidade da instituição. A escolha do nome é uma homenagem ao dramaturgo e diretor brasileiro Augusto Boal (1931 – 2009), fundador do Teatro do Oprimido e um dos mais importantes nomes do teatro brasileiro, principalmente, quando se pensa o teatro como ato político.

localizações de cada escola - Norte, Sul e Palmas - a fim de situar as distâncias em que se encontram cada uma dessas professoras licenciadas em Teatro pela Universidade Federal do Tocantins. Minha intenção com a realização desta pesquisa em diferentes cidades é pensar que essas professoras são as pessoas que viabilizam (ou não) as ações do teatro em suas instituições de ensino, a partir de seus modos de fazer.

Assim como eu, as professoras desta pesquisa tiveram sua primeira ida ao teatro quando chegaram à Universidade. Especulo então, se seus(suas) alunos(as) conhecem e chamam de teatro aquilo que a escola lhes apresenta? Ou ainda, aquilo que essas professoras formadas em teatro vão (des)construindo entre os saberes da universidade e o cotidiano escolar. À vista disso, há que se pensar sobre a formação de professores(as), considerando a multiplicidade de práticas e as realidades das instituições públicas de ensino, a fim de que o teatro seja uma ação contaminada pelos fazeres-saberes cotidianos e atue na criação de espaços outros, fomentando a produção de diferença no campo da educação básica.

Para tanto, com o objetivo de contemplar uma ação pautada na experiência com o outro, busquei nas propostas da pesquisa a/r/tográfica uma possibilidade que contemplasse esse percurso pelas escolas. O caráter relacional da a/r/tografia, principalmente o conceito de *pesquisa viva* prioriza as práticas de vida em curso, sem metas previamente determinadas, mas que vão se construindo nas ações entre pesquisador e colaboradores. Sendo assim, objetivou-se, ao longo da pesquisa prática, a partir dos encontros com os praticantes da escola, autores e minhas indagações pessoais, traçar os caminhos que serão percorridos, ou seja, (des)construir espaços e experiências (IRWIN e SPRINGGAY 2013, p. 138). Sendo assim, busquei desenvolver uma prática que privilegiasse a criação coletiva do teatro e tomasse o contexto de cada instituição como referência. O modo como isso se deu ao longo de cada

processo se distingue a partir das (im)possibilidades encontradas em cada instituição.

Ao longo do percurso, aliei o método de pesquisa narrativa ao processo investigativo, uma vez que apontaram condições que contemplavam esses múltiplos encontros e as vozes que atravessaram este trabalho, e me ajudaram a construir essa tese, na qual entrelaço olhares pessoais, experiências compartilhadas, narrativas imagéticas, vozes de autores do cotidiano e de intercessores teóricos, entre outros encontros que possibilitaram produzir um relato coletivo.

Adotar uma pesquisa narrativa corresponde a um processo indutivo e abrangente que trata de descrever as vivências assim como são através dos relatos das pessoas. A particularidade deste tipo de pesquisa é que o sujeito está em primeiro plano em sua cotidianidade, levando-nos a descobrir sua comunidade educativa. Através dos relatos dos professores, e colocando-os em relação com o contexto, o tempo, os espaços, os sistemas educativos e os eventos, colocamos em evidência as diversas realidades e as situações presentes na educação. Por isso, uma pesquisa narrativa possibilita destacar, realçar os processos e vivências de uma comunidade que se visibiliza nestas narrações. (TORREGROSA, 2017, p. 309)

Caminhando pelas escolas do Estado do Tocantins, fui rabiscando as primeiras palavras, tirando fotos, esboçando ideias que se desdobravam em outras e produziram "proseios" que gravei. "Proseios", pois não gosto de entrevista. Não fiz um roteiro de perguntas sequer. Tudo dependia do que a conversa rendia (ou não). Ganhei cartas, desenhos, abraços, flores. Tudo isso constituiu meu acervo de pesquisa e subsidiou toda minha escrita.

Por isso, não se trata apenas do olhar que lanço para as experiências vivenciadas nesses contextos, compartilho as vozes dos parceiros/as que possibilitaram que esse percurso fosse sendo percorrido e lanço discussões em diálogo com os referenciais que me acompanharam, com a finalidade de traçar diferentes olhares sobre o espaço escolar. Considerar essa autoria coletiva faz parte do ato de pesquisar no/do cotidiano

dessas instituições de ensino, fomentando sua condição de lugar praticado (CERTEAU, 2013), uma vez que produz deslocamentos e aponta a relevância e o protagonismo dos sujeitos da escola para o acontecimento da pesquisa (FERRAÇO & ALVES, 2015).

Portanto, observo que adotar a pesquisa narrativa foi, também, uma forma de expor todo o meu processo de (des)construção enquanto professora e pesquisadora, que se propõe a defender uma formação pautada na experiência no/do cotidiano escolar. Essa (des)construção é o que me possibilitou compreender meu lugar de praticante ordinária em cada instituição por onde passei. Enfatizo que isso não está atrelado ao desenvolvimento de uma ação de pesquisa participante, mas a uma postura diante no/do cotidiano da escola que não separa pesquisador e pesquisados. Compreender-me como praticante das instituições públicas de ensino é, também, um (re)encontro com minha história e com os caminhos que me tornaram professora. Além disso, penso que tal postura convocou-me a pensar sobre meu lugar enquanto professora no campo da formação de docentes de Teatro e a necessidade da (des)construção que se coloca nos diversos setores da educação.

Por um teatro da escola: caminhar e parar

Considero que a escola é um território onde se exerce uma multiplicidade de práticas, e isso constituiu nossas ações em cada instituição. Dessa forma, pensá-la como espaço teatral, objetivando uma ação que corrobore com as práticas do dia a dia que abrem espaços na estrutura disciplinar, implica tomar consciência da existência e dos limites (im)postos por cada instituição, a fim de apropriar-se dessa estrutura e jogar com os possíveis.

Desse modo, quando nos inserimos no cotidiano dessas instituições, observamos que apesar de serem disciplinares e organizadas por práticas normativas, qualificá-las apenas por

suas práticas disciplinares pode ser um equívoco, uma vez que, em seu território, inscrevem-se maioridades e minoridades. A fim de explorar essa multiplicidade que habita o cotidiano escolar e discutir como o teatro se move entre campos maiores e menores, produzi uma tese que se divide em duas partes: "Caminhar" e "Parar".

"Caminhar" é constituído pelo relato das experiências compartilhadas em cada uma das escolas desta pesquisa. Nessa parte, busco apresentar as experiências compartilhadas ao rés do chão nesses locais. Ao longo destes relatos, entrelaço diálogos com intercessores teóricos que fomentaram as ações em cada instituição, provocando processos de (des)construção em minha prática teatral no/do cotidiano escolar. Ao final de cada trajeto, a partir de um fazer teatral coletivo, atravessado pelo contexto de cada instituição, lanço considerações a respeito desses espaços como espaços teatrais, apontando as ações que nos possibilitaram a produção de um teatro da escola.

No "trajeto I - Caminhadas para o Norte", compartilho narrativas das ações realizadas na Escola Municipal Mangueiras, na comunidade de Itaúba, em Augustinópolis. Neste trajeto, o fazer teatral buscou possibilitar um processo que contemplasse o brincar, compreendendo-o como ação livre e tática desviante da rotina escolar. Dessa forma, as aulas de Teatro atuaram como propositoras de espaços, articulando elementos próximos ao contexto local, a partir de atos performativos (MACHADO, 2015).

No "trajeto II - Caminhadas para o Sul", relato as ações desenvolvidas na Escola Municipal da Grande Árvore, na cidade de São Salvador do Tocantins. O trabalho com o teatro buscou referência nos jogos improvisacionais (SPOLIN, 2010; RYNGAERT, 2011) e desenvolveu um processo de criação de cenas a partir de improvisações nos espaços da escola. Nessa narrativa, destaco o quanto o trabalho, construído

coletivamente, envolvendo professoras e crianças, possibilitou (des)territorializações em minha prática docente ao longo do processo teatral vivenciado na instituição.

No “trajeto III – Caminhadas para o Centro”, narro as experiências compartilhadas no Colégio Militar Augusto Boal, na cidade de Palmas. Nesse relato, apresento as experiências com o teatro em um cotidiano organizado pela disciplina militar e quais limites e possibilidades se apresentaram ao longo desse trajeto. Para tanto, apresentei a proposta de trabalhar o fazer teatral a partir do jogo intervencionista (ANDRÉ, 2011) como uma possibilidade para que o teatro se inventasse nos possíveis do território da escola. Diante disso, apresento uma narrativa mais fragmentada, que evidencia as dificuldades pessoais trazidas por essa experiência de ultrapassar os limites institucionais a cada ação.

“Parar” é uma escrita mais reflexiva, pautada na experiência de olhar o que se passou em cada trajeto. Nas paradas, observo essas experiências, utilizando os intercessores teóricos que me inspiraram nesta pesquisa como lentes metafóricas para compreender o que ocorreu em cada instituição de ensino. Assim, meu interesse foi pensar essas instituições a partir dos conceitos de Espaço Disciplinar, Espaço Praticado e Espaço Teatral. Nessa discussão, não desejo estabelecer categorias, mas pensar a multiplicidade de práticas que atravessam a escola, evidenciando as (im)possibilidades desse território¹⁵.

Portanto, considero que esta pesquisa perseguiu seu objetivo de investigar a docência como uma ação tática, a fim de possibilitar condições para a criação de um teatro da escola. Um teatro da escola é uma ação pertencente às minoridades, ao campo dos fazeres coletivos, das desterritorializações, da micropolítica cotidiana (GALLO, 2008; DELEUZE & GATTARY, 2003). Por isso, ao escrever sobre um

¹⁵ “Parar” possui uma introdução própria.

teatro da escola, não intento sistematizar uma metodologia ou apontar recomendações para o fazer teatral nessas instituições. Nessa narrativa, compartilho as experiências dos encontros que tive nas instituições de ensino públicas do Tocantins e o quanto isso foi fundamental para que eu pudesse desenvolver essa consciência de uma ação tática, de um teatro da escola, que entrelaça uma atitude que não está em programas formativos, não está prescrita na formação acadêmica ou mesmo nos livros de autores consagrados, mas que pode constituir a experiência dos(as) futuros(as) professores(as) no/do cotidiano escolar e provocar (des)construções nos cursos de formação de professores(as), lançando pistas para uma prática ao rés do chão.

7 POR UM TEATRO DA ESCOLA: TÁTICAS E MENORIDADES

As palavras finais que aqui escrevo são a formalidade de um trabalho que precisa ser finalizado pelas diferentes demandas que se impõe. Mas tenho ciência de que esta pesquisa ainda tem muito a dizer e fazer, então considero que estas palavras são uma pausa para demarcar a narrativa de caminhadas e paradas pelas escolas do estado do Tocantins. Talvez essa seja mais uma parada, para dizer de encontros e compartilhamentos, por isso sinalizo que não se trata de uma conclusão.

Como destaque no início desta escrita, minha escolha profissional, bem como minhas pesquisas, estão muito ligadas à minha trajetória de vida. Ao longo das pesquisas de campo e da escrita desta tese, pude perceber o quanto esta pesquisa me possibilitou (des)construir atitudes e pensamentos a respeito das instituições de ensino e suas práticas. Perceber que minhas primeiras aulas, milimetricamente planejadas, tomavam rumos inesperados, fizeram-me compreender o quanto eu precisava retornar à escola para atuar na Formação de Professores(as) de Teatro.

Por isso, é fundamental pensar a escola como um espaço vivo e não um lugar onde se localizam apenas um conjunto de práticas regulatórias e sujeitos passivos a tal ação. De um lado, observa-se uma maioria, a disciplina que (de)limita espaços, tempos, conteúdos e fomenta a compreensão dessa instituição como espaço disciplinar. Por outro, mesmo impossíveis de mapear, encontram-se as minoridades, táticas de praticantes do cotidiano que (re)existem à disciplina e (re)significam as (de)limitações (im)postas, possibilitando outras aprendizagens para além do que se prescreve pelo currículo oficial e fomentando a condição da escola como espaço praticado.

Quando falo da escola como espaço teatral, ressaltando que o teatro na escola deve produzir ações para que se crie um teatro da escola, defendo que essas ações implicam atitudes de professores(as) de Teatro, professores(as) das Licenciaturas e praticantes do cotidiano escolar, a fim de garantir que o teatro se faça presente neste território enquanto uma ação que provoca movimentos e não apenas como obrigatoriedade curricular. Garantir que ele esteja presente como conteúdo obrigatório é uma luta importante que deve ser apoiada pelos(as) professores(as) nos debates curriculares municipais, estaduais e federais. Porém, condicionar a presença do teatro na escola apenas à sua obrigatoriedade, pode ser uma forma de mantê-lo restrito às práticas de uma educação maior (GALLO, 2008), desconsiderando os fazeres-saberes que constituem as ações dos praticantes e se inscrevem no campo da educação menor (GALLO, 2008).

Portanto, frente ao contexto de cada instituição, avaliei que minhas ações deveriam pensá-las como espaço teatral, na tentativa de produzir um teatro que provocasse uma ação no/do espaço, ao invés de tecer estratégias para fundar um lugar dentro dessas instituições. Sendo assim, minha proposta foi compreender a escola como espaço teatral, em sua condição de uma prática que acontece, não um lugar que se funda para o acontecimento da atividade teatro, mas como um, entre os possíveis.

Por isso, os processos em cada uma das instituições visitadas se constituíram a partir dos acontecimentos cotidianos, dos saberes-fazeres de seus praticantes, de referenciais teóricos e objetivos que foram motivando esta pesquisa ao longo de seu desenvolvimento, entre outros aspectos. Assim, os processos que compuseram cada trajeto se distinguem e, por isso, devem ser observados dentro dos contextos que foram produzidos, pois tirá-los desse lugar é

empobrecer suas análises e encerrá-los num terreno de generalidades (CABALLERO, 2016; DUBATTI, 2012; 2014).

Ainda assim, considero que as práticas que compõem o fazer teatral em cada instituição objetivaram o exercício de ações táticas que desterritorializaram as estruturas estratégicas, provocando a criação de espaços outros dentro do espaço escolar, a fim de suscitar a criação de um teatro da escola. Nesse movimento, o teatro da escola se exerce como micropolítica cotidiana, sem a pretensão de inscrever-se como totalidade ou prescrever um “modo de fazer” teatro, uma vez que privilegia os encontros com os diferentes saberes-fazeres cotidianos na tentativa de possibilitar uma criação coletiva das ações teatrais.

Vale destacar que as ações desta pesquisa foram realizadas por meio de um projeto em instituições públicas municipais do Estado do Tocantins e contaram com a parceria de egressas do Curso de Licenciatura em Teatro da UFT. Todo este trabalho é resultado de uma ação compartilhada entre professoras, crianças e comunidade escolar. Não desconsidero as diferenças que se instalam entre as ações que discuto e o cotidiano de cada instituição, penso que isso esteja evidente a cada trajeto. Defendo que uma ação tática deve compor as atitudes do(a) professor(a) de Teatro, a fim de garantir que o teatro na escola não permaneça restrito às prescrições disciplinares ou à sua obrigatoriedade.

Sendo assim, considero que o exercício para um teatro da escola, provocando a busca por ações táticas, precisa ser estimulado desde a formação inicial. Como professora de Estágios, observo que isso viabiliza os primeiros movimentos entre a Universidade e a Escola, possibilitando a experiência do fazer teatral e do fazer-se docente. Nesse sentido, penso que o estágio é um espaço de experiência de ações táticas para que o teatro atue entre os limites e as possibilidades de cada contexto escolar, provocando nos(as) futuros(as)

professores(as) a iniciativa do nomadismo frente à realidade da escola, para que sejam “caçadores de fissuras” (ANDRÉ, 2011) no sistema institucional, ao invés de acomodados em busca de um lugar ideal.

Pensar uma ação tática não está dissociado de um fazer teatral pautado na (re)existência. Talvez uma postura tática possa, em alguns momentos, parecer conformar-se com a realidade (im)posta. No entanto, a tática não é dada aos grandes enfrentamentos, ela atua nas minoridades, seus movimentos são sutis e, no caso das instituições de ensino, permitem a negociação, o diálogo, para que sejam abertas as portas, ao invés de trancadas. Dessa forma, avalio que as ações provocadas pelo teatro da escola possibilitam múltiplos encontros, criam espaços para a troca e fortalecem o convívio com diferentes práticas, fomentando a condição de um espaço praticado. Sendo assim, discorrer sobre um teatro da escola, implica dizer de uma ação que se faz nas brechas, na ocasião, como prática ordinária do cotidiano escolar.

Portanto, penso que a escola precisa de ações que fomentem o lugar do fazer teatral, contribuindo para que o teatro na escola possibilite ações de um teatro da escola. Então, defendo que o(a) professor(a) de Teatro é um(a) praticante ordinário(a) do espaço escolar que, em suas ações táticas junto aos(as) alunos(as), produz um teatro que se deixa atravessar pela realidade dessa instituição, provocando movimentos e assumindo a condição de um fazer menor (DELEUZE & GATTARRY, 2003; GALLO, 2008). Por isso, quando utilizo a expressão teatro da escola, defendo uma ação que toma aquele espaço como referência para a sua realização, ao contrário de partir de uma estética ou utilizar textos prontos. Logo, não considero que o teatro da escola seja uma oposição ao teatro na escola, mas uma prática que o constitui.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. FERRAÇO, Carlos. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagens narrativas na invenção dos currículos e da formação. Revista **Espaço do Currículo**. V.8, n.3, Setembro a Dezembro de 2015. p. 306-316.

ALVES, Nilda. Nós somos o que contamos: a narrativa de si como prática de formação. In: **Salto Para o Futuro: Histórias de Vida e Formação de Professores**. Boletim nº 11. SEED/MEC: Brasília. p. 62-71. 2007.

ANDRÉ, Carminda M. A necessidade do teatro na escola. In: MERÍSIO, Paulo. CAMPOS, Vilma (Org.). **Teatro ensino, teoria e prática**. Uberlândia: EDUFU. P. 165-177. 2011.

ANDRÉ, Carminda M. Intervenção Urbana (Verbetes). In: KOUDELA, Ingrid D. ALMEIDA JR. José Simões (orgs.). **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva: SP Escola de Teatro, 2015.

ANDRÉ, Carminda Mendes. Jogo e Política. In: TELLES, Narciso (org). **Pedagogia do Teatro: Práticas Contemporâneas na Sala de Aula**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013.

ANDRÉ, Carminda Mendes. **Teatro Pós-Dramático na escola** (inventando espaços: estudos sobre as condições do ensino de teatro em sala de aula). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

AUGUSTINÓPOLIS - TO. **Projeto Político Pedagógico**. Secretaria Municipal de Educação, 2017.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 3ªed. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: LeYa, 2013.

BELTRAME, Valmor. Teatro de Formas Animadas (Verbetes). In: KOUDELA, Ingrid D. ALMEIDA JR. José Simões (orgs.). **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva: SP Escola de Teatro, 2015.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Manual de Campanha**: Ordem Unida. 3ª ed. Ministério da Defesa: Exército Brasileiro, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUJES, Maria Isabel Edelweis. **Infância e Maquinarias**. Porto Alegre: PPG-Educação/UFRGS, 2001. Tese de Doutorado. Orientador: Alfredo Veiga-Neto.

CABALLERO, I. D. **Cenários liminares: Teatralidades, performances e política**. Uberlândia: EDUFU, 2016.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CARERI, Francesco. **WALKSCAPES: o caminhar como prática estética**. Tradução: Frederico Bonaldo. Prefácio de Paola Berenstein Jacques. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CARVALHO, Alexandre Filorde de; GALLO, Silvio (orgs.). **Repensar a Educação: 40 anos após Vigiar e Punir**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** - Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução: Ingrid Müller Xavier. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobranszky. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. 20ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: _____ (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, p. 136 - 161. 1996.

DELEUZE, G. **Conversações: 1972-1990**. Trad. Peter Pal Pelbart. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Kafka** - por uma literatura menor. Tradução e Prefácio Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2006.

DUBATTI, J. Teatro, convívio e tecnovívio. In: **Da cena contemporânea**. Orgs. BIÃO, A. J. De C., CARREIRA, A. L. A. N, TORRES NETO, W. L. Porto Alegre: ABRACE, 2012.

DUBATTI, Jorge. **O teatro dos mortos: introdução a uma filosofia do teatro**. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Edições SESC, 2016.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2000, n.14, pp.19-34. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000200003>. Acesso em: 05/06/2019.

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e escritos III). Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa - 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 27ª ed. Tradução Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2013.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramallete. 41ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira. Desenhos de comer, cerâmicas para viver, desenhos de comer, para Itaparica e travessias, três experimentações. In: **Anais do Encontro Nacional ANPAP**. Ecossistemas Estéticos. Belém - Pará, p.3412-3426. 2013.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. 6ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREITAS, Alexandre Simão de. Domesticação, zoopolítica e incorribilidade... ou o devir-besta da escola em *Vigiar e Punir*. In: CARVALHO, Alexandre Filorde de; GALLO, Silvio (orgs.). **Repensar a Educação**: 40 anos após Vigiar e Punir. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

GALLO, Sílvio. As múltiplas dimensões do aprender. In: **Anais Congresso de Educação Básica**: aprendizagem e currículo. Florianópolis, 2012. Disponível em: <http://189.8.211.4/coeb2012/arquivos/palestras/silvio_gallo.pdf>. Acesso em: 24/06/2019.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALLO, Silvio. **Em torno de uma educação menor**. Revista Educação & Realidade. 27(2), p. 169-178 jul./dez. 2002.

GALLO, Silvio. Pensar a escola com Foucault: além da sombra da vigilância. In: CARVALHO, Alexandre Filorde. GALLO, Silvio. (org). **Repensar a educação**: 40 anos após vigiar e punir. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. 6ª ed. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2010.

IRWIN, Rita L. e SPRINGGAY, Stephanie. A/r/tografia como forma de Pesquisa Baseada na Prática. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (orgs.) **Pesquisa Educacional Baseada em Arte**: A/r/tografia. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

KOUDELA, Ingrid D. ALMEIDA JR. José Simões (orgs.). **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva: SP Escola de Teatro, 2015.

KOUDELA, Ingrid. **Jogos Teatrais**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. In: _____. Tremores: Escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro pós-dramático**. Trad. Pedro Sussekind. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LEHMANN, H-T. Das crianças, do Teatro, do Não-Compreender. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. Porto Alegre, v. 1, n.2, p.268-285, jul/dez, 2011.

MACHADO, M. M. (2012b). Teatralidades na Tenra Infância, ou Bolacha recheada na cena contemporânea. In: **Lamparina** - Revista de ensino de Teatro, v. 1, n. 4.

MACHADO, M. Teatralidades no Corpo - o espaço cênico somos nós. **Sala Preta**, v. 11, n. 1, p. 17-26, 21 dez. 2011.

MACHADO, M. TEATRO E INFÂNCIA, POSSÍVEIS MUNDOS DE VIDA (E MORTE). **Revista Aspas**, v. 4, n. 2, p. 3-14, 8 dez. 2014.

MACHADO, MAPEIE-SE! E busque de modos criativos de ser e estar no mundo para relacionar-se com a artisticidade das crianças. **Revista TEATRO: criação e construção de conhecimento [online]**. Palmas, v.4, n.5 , p. 14-22, jan/jun. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/renat/Downloads/2372-Texto%20do%20artigo-12887-2-10-20160726.pdf>. Acesso em 24/06/2019.

MACHADO, Marina Marcondes. **A criança é performer**. Revista Educação & Realidade 35(2): p.115-138. Maio/agosto 2010.

MACHADO, Marina Marcondes. **A Poética do Brincar**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010a.

MACHADO, Marina Marcondes. Só Rodapés: Um glossário de trinta termos definidos na espiral de minha poética própria. **Revista Rascunhos**. Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 53-67, jan./jul. 2015.

MACHADO, Marina Marcondes. Fenomenologia e infância: o direito da criança a ser o que ela é. **Revista de Educação Pública**. V. 22, n. 49/1. p. 249-264. Cuiabá: EDUFMT, maio/ago 2013.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia; PARRA, Gustavo Adolfo. Da escola disciplinar às disciplinas escolares: uma retomada de *Vigiar e Punir* para pensar assuntos educativos contemporâneos. In: CARVALHO, Alexandre Filorde

de; GALLO, Silvio (orgs.). **Repensar a Educação: 40 anos após Vigiar e Punir**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

MARTINS, Adriana R. SOUZA, Raquel C. BODNAR, Roseli. O ensino das artes em Palmas - TO: complexidades e desafios em pesquisas. In: **Anais do XXVII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil; V Congresso Internacional dos Arte/Educadores ; II Seminário de Cultura e Educação de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Federação de Arte/Educadores do Brasil, 2017. ISSN 2525-880X. pp. 2376-2387. Disponível em: <<https://faeb.com.br/admin/shared/midias/1510688060.pdf>>. Acesso em 01/07/2019.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (Org). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2016.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos praticados: regulação e emancipação no cotidiano escolar**. Anais da 26ª Reunião Anual da ANPED. Poços de Caldas/MG: ANPED, 2003, p. 1 - 15.
PALMAS - TO. Projeto Político Pedagógico. Secretaria Municipal de Educação, 2018.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2017.

PUPO, M.L.S.B. **Entre o Mediterrâneo e o Atlântico: uma aventura teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PUPO, Maria L.S.B. Improvisação Teatral (Verbetes). In: KOUDELA, Ingrid D. ALMEIDA JR. José Simões (orgs.). **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva: SP Escola de Teatro, 2015.

PUPO, Maria Lúcia S.B. **Para desembaraçar os fios**. Revista Educação e Realidade. UFRGS: Porto Alegre. Vol. 30; nº 2, 2005. Pág. 217-228. Jul/Dez 2005a.

ROCHA, Cristiane Fammer. **Desconstruções edificantes: uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo**. Porto Alegre: PPG-Educação/UFRGS, 2000. Dissertação de Mestrado. Orientador: Alfredo Veiga-Neto.

ROLNIK, Suely: **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar: práticas dramáticas e formação**. Tradução: Cássia Raquel da Silveira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SANTANA, Arão Paranaguá de. **Teatro e Formação de Professores**. São Luís: EDUFMA, 2000.

SANTANA, Arão Paranaguá. Ensino do Teatro e preparação de professores: o caso brasileiro. In: MACHADO, Irley. [et. al.] (org). **Teatro: ensino, teoria e prática**. Uberlândia: EDUFU, 2004.

SANTOS, Boaventura de S. Para uma Pedagogia do Conflito. In: SILVA, L. H., AZEVEDO, J.C., SANTOS, E. S. (Orgs). **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996, p. 15-33.

SILVA, Renata P. (2017, Outubro) **Frestas e rachaduras**: experiências para um teatro menor. Comunicação apresentada Jornada de Pesquisa em Arte PPG IA/UNESP 2017 – 2ª Edição Internacional.

SOARES, Carmela. **Pedagogia do jogo teatral**: uma poética do efêmero: o ensino de teatro na escola pública. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2010.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na Sala de Aula**: Um manual para o Professor. Trad. Ingrid Koudela. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TORREGROSA, Apolline. Da arte e da narração à sensível textura de nós. Tradução: Maria Isabel de Castro Lima. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (Org). **Pesquisa Narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Editora da UFSM, 2017.

TOURINHO, Irene. Metodologia(s) de pesquisa em Arte/Educação: o que está (como vejo) em jogo? In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte**: A/r/tografia. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Espaços, Tempos e Disciplinas**: as crianças ainda devem ir à escola? Texto para o Simpósio Espaços e tempos escolares, no 10º ENDIPE, Rio de Janeiro. 2000. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta5.4.htm>>. Acesso em: 05/06/2019.

VEIGA-NETO. **Foucault & a Educação**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustin. **Currículo, Espaço e Subjetividade**: a arquitetura como programa. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar & a Realidade**. Tradução: Jose Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: IMAGO EDITORA LTDA, 1975.